

## **Apresentação**

As primeiras pesquisas sobre línguas de sinais no Brasil começam a se fazer presentes na academia a partir do final da década de 1980 e, de lá para cá, cada vez mais têm ganhado espaço, sobretudo, a partir do momento em que a Libras – Língua Brasileira de Sinais – torna-se, também, uma língua oficial do Brasil, por meio da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. A referida Lei foi regulamentada em 2005 por meio do Decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005. A partir desses dois grandes feitos legais, desdobramentos importantes se impuseram, a exemplo da criação dos cursos de Letras-Libras, os quais, inevitavelmente, trouxeram para a academia as demandas relativas à necessidade de descrição da Libras em termos gramaticais, bem como reflexões sobre como e o quê ensinar quando se trata da Libras, quer para surdos, L1, quer para ouvintes, L2.

Este volume faz parte da proposta de reunir produções envolvendo pesquisas com as línguas de sinais. Nos últimos anos, estamos diante de uma gama de pesquisas envolvendo a Libras em diferentes campos de investigação. Isso é consequência dos avanços no reconhecimento desta língua no Brasil, mas esta não é uma demanda exclusiva do nosso País; na Europa e Américas muito há de investigações acerca das línguas de sinais dos países que compõem essas nações, de modo que podemos afirmar que as pesquisas sobre línguas de sinais é mesmo uma tendência mais geral. Em termos de Brasil, o fato de a Libras passar a fazer parte do rol dos cursos de Letras do país, torna-a uma língua com o devido estatuto linguístico. Assim, proliferam-se os estudos que são muito bem-vindos!

Desta forma, a *Revista Leitura*, periódico do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, se junta a este movimento intelectual e se propõe a organizar e multiplicar estes saberes.

Considerando o avanço nos estudos linguísticos sobre as línguas de sinais, torna-se preciso pensar diretrizes para a transcrição dos dados. Ronice de Quadros, em seu artigo “*A transcrição de textos do Corpus de Libras*”, apresenta-nos as decisões tomadas no estabelecimento das transcrições básicas do corpus de Libras, além das anotações sugeridas para o desenvolvimento de análise de dados de Libras. Mas, por que se pensar em diretrizes para a transcrição de dados? Hoje temos pesquisadores em todo o Brasil interessados na Libras, assim torna-se relevante pensar em formas que facilitem o acesso aos materiais transcritos com padrões compartilhados.

Francielle Martins e Marianne Stumpf, em seu artigo “*Coleta e registro de sinais-termos psicológicos para glossário de Libras*” pretendem divulgar os termos técnicos da área de psicologia, coletados a partir da produção de psicólogos de diferentes regiões do país, publicados no glossário de Libras.

A iconicidade é um tema relevante quando se trata especificamente de língua de sinais. A proposta de André Xavier e Thyago Santos está centrada em uma discussão antiga dentro da área da linguística: a arbitrariedade do signo. Em seu artigo “*A iconicidade na criação de termos técnicos em Libras*”, Xavier e Santos pretendem, a partir de um modelo cognitivo (TAUB, 2001), analisar o processo de criação de termos técnicos na Libras. Diferentemente de outros trabalhos que focam nesse tema, os autores querem verificar o papel da iconicidade em um processo de criação lexical e não simplesmente no seu produto. Já Bruno Carneiro, em seu artigo “*Ampliação lexical da língua de sinais brasileira: aspectos icônicos*”, irá observar a importância da experiência corporal e do input visual no processo de ampliação lexical da Libras.

Analisando a Libras em seus diferentes níveis gramaticais, temos os artigos de Carolina Nóbrega, intitulado “*Assimilação na Libras*”, de Débora Wanderley e Marianne Stumpf, “*A marcação do plural no sistema signwriting: uma abordagem morfológica*”, e de Isabel Correia, “*Descrever a LGP em contexto bilíngue: o gênero*”. Carolina Nóbrega analisa as assimilações encontradas em narrativas produzidas por surdos brasileiros. Débora Wanderley e Marianne Stumpf analisam a flexão de plural nas produções escritas em sala de aula, por alunos surdos e ouvintes, na disciplina de Escrita de Sinais. Isabel Correia pretende ilustrar a materialização do gênero em Língua Gestual Portuguesa – LGP – e sua aplicação didática no ensino bilíngue.

Como é possível perceber, a pesquisa linguística que toma a língua como objeto de estudo tem ganhado muito espaço. Visto isso, torna-se válida uma discussão sobre a possibilidade de uma terminologia específica para discutir uma língua de sinais. Valdo Nóbrega, em seu artigo “*Signanologia: proporcionando uma teoria linguística da língua de sinais*”, trará à luz tal reflexão.

Valdenise Breda, em “*A aplicação da escrita de sinais, signwriting, no Brasil*”, e Débora Wanderley e Janine Oliveira, em “*Análise do processo de registro em signwriting: contribuições para a fonologia da Libras*”, apresentam a nossos leitores as contribuições da escrita de sinais (signwriting). Aquela a aborda do ponto de vista de sua adaptação e utilização pelas instituições educacionais como forma de facilitar o ensino-aprendizagem; estas, no que concerne à fonologia da Libras, já que investigam se existe padrão na sequência escolhida para registro do sinal escrito.

Para finalizar este volume, trazemos a Libras analisada como segunda língua para ouvintes no campo da linguística aplicada.

Lídia da Silva e Marianne Stumpf cruzam dados da autoavaliação sobre a fluência e acurácia dos acadêmicos do curso de Letras Libras com abordagens teóricas, no artigo “*Fluência e acurácia em ouvintes usuários de Libras como segunda língua: autoavaliação de acadêmicos do Letras Libras*”. Carolina Pêgo, André Reichert e Luiz Dinarte apontam a observação da prática do

ensino de Libras e a adoção da postura de professor-pesquisador como alguns dos aspectos importantes a serem considerados em um contexto de ensino de Libras como segunda língua para ouvintes. Aryane Nogueira e Janaína Cabello, em “*O trabalho com narrativas audiovisuais no ensino de Libras como L2 para ouvintes*”, acrescentam à discussão uma proposta pedagógica, fundamentada em uma abordagem de ensino de língua comunicativa, em que os alunos participantes do curso elaboram narrativas audiovisuais.

Acreditamos que todos os trabalhos que compõem este volume dão uma visão geral sobre o que se tem estudado no Brasil, considerando Libras como objeto de estudo, além das incursões feitas pelas pesquisas tendo-se como foco a LGP.

*Camila Tavares Leite*  
*Jair Barbosa da Silva*  
*Ronice Müller de Quadros*